

JORGE PORTO
JADSON PORTO
EUNICE PORTO
JÚNIA CAROLINA REBELO SANTOS SILVA

ENTRE PORTOS

JORGE PORTO
JADSON PORTO
EUNICE PORTO
JÚNIA CAROLINA REBELO SANTOS SILVA

ENTRE PORTOS

© Copyright © 2024 - Todos os direitos reservados aos autores desta obra

Capa: Ivan Porto

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E61 Entre portos [livro eletrônico] / Jorge Porto... [et al.]. – Maringá, PR: Uniedusul, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5418-070-2

1. Literatura brasileira – Poesia. I. Porto, Jorge. II. Porto, Jadson.
III. Porto, Eunice. IV. Silva, Júnia Carolina.

CDD B869.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

DOI: 10.51324/54180702

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei no 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do código penal.

Introdução

Esta obra pretende ser um tributo à herança literária deixada por Eunice Rebelo Porto e seus descendentes. Os textos aqui reunidos refletem não apenas a influência cultural e artística transmitida de geração em geração, mas também a essência poética que permeia a vida e as experiências dessa família.

Eunice Porto, a matriarca inspiradora, sempre incentivou a leitura em seus filhos, criando um ambiente propício para o desenvolvimento intelectual e artístico. Aos sessenta anos, embarcou em uma jornada de retomada de aprendizado do piano, realizando um antigo sonho de infância e juventude e encontrando na música uma fonte de relaxamento e meditação.

Seus filhos, por sua vez, cresceram imersos nesse universo de estímulos culturais, tornando-se leitores ávidos e participantes ativos em corais. Cada um dos descendentes de Eunice Porto traz consigo uma voz única e uma abordagem distinta à escrita e à poesia.

O primogênito destaca-se por seu estilo impactante, repleto de jogos de palavras e pensamentos profundos. O filho do meio revela sua curiosidade literária, explorando uma variedade de temas e inspirações. A filha demonstra perspicácia ao perceber detalhes e situações que conduzem à reflexão. O neto, estudante de teatro, contribui com sua criatividade na elaboração das capas dos livros de seu pai.

Nas páginas deste livro, convidamos os leitores ao mergulho em um universo poético tecido com sensibilidade, ritmo e emoção. Cada poesia é uma janela para a alma dos autores, revelando camadas de sentimentos, reflexões e imagens que ecoam além das palavras escritas.

Os poetas Eunice Porto, Jadson Porto e Jorge Porto, cada um com sua voz única e estilo distinto, encontram-se separados geograficamente. A primeira, em Campinas; o segundo, em Macapá; e o terceiro, em Manaus. Porém, isso não foi um impedimento para que, em conjunto, trilhassem por trilhas poéticas que exploram a essência da existência, a beleza dos momentos cotidianos e as complexidades das emoções humanas. As

palavras foram como notas musicais, dançando no papel e ecoando em nossos corações.

Os textos apresentados neste livro surgiram a partir das trocas de mensagens no *WhatsApp* da família, iniciadas em 2017 com o estímulo constante da matriarca. As poesias aqui contidas refletem estilos distintos e uma variedade de abordagens poéticas, evidenciando a diversidade de vozes e perspectivas presentes na família Porto.

Eunice Porto, com sua linguagem simples e poética, consegue tocar os corações dos leitores, explorando temas como solidão, tranquilidade e gratidão, quase sempre em resposta às instigações das poesias dos dois filhos. Jadson Porto, por sua vez, mergulha em profundidades emocionais, refletindo sobre a vida, a arte e as experiências pessoais. Jorge Porto traz uma musicalidade em sua poesia, evocando imagens sensoriais e explorando a dualidade da existência.

Ao adentrar neste livro, convidamos os leitores a uma jornada de descoberta e contemplação, onde a poesia se revela como um espelho da alma, refletindo a luz e a sombra que habitam em cada um de nós. Com a perspectiva de que cada verso seja uma ponte para a introspecção, para a conexão com o belo e o profundo, e para a celebração da arte que pulsa em cada batida do coração poético.

Instigamos os leitores a se deixarem envolver pelas diferentes vozes e perspectivas que compõem a rica tapeçaria poética da família, onde a arte, a emoção e a reflexão se entrelaçam em uma dança harmoniosa de palavras e sentimentos.

BOA LEITURA!

Descendentes da matriarca

Campinas, Macapá, Manaus, setembro de 2024.

Um momento entre irmãos

Jadson Porto
Jorge Porto
Júnia Carolina Silva

Minha irmã perguntou:
Até onde vai o limite do pensamento?

Respondi:

O limite do pensamento é o pensamento. Não o pensar momento, mas o momento de pensar o pensamento. Se perderes o momento de pensar o pensamento, novos momentos, novos pensamentos aparecerão como limites. Sempre nos perdemos em pensamentos, sempre nos perdemos em momentos, mas nunca nos limitamos ao momento e nem ao pensamento. Limitar o pensamento é limitar o horizonte. Aproveitar o momento é aproveitar uma parcela do pensamento. Quando o pensamento precede o momento, eventualmente nasce o planejamento. Lembre-se, também que o momento não depende do pensamento. Às vezes, o momento aparece sem o pensamento pensar que aquele era o momento. Como também, o pensamento surge sem o momento perceber que ele chegou. Constantemente ambos ocorrem. Simplesmente ocorrem. O momento constantemente é passado, pois este exato momento, não o é mais. Passou. O pensamento tem a capacidade de ir ao passado (quando ele se chama "memória), ou ir ao futuro (quando ele se chama "planejamento", "expectativa"). Quanto ao pensamento presente, é uma fotografia do agora. Neste momento, o pensamento se confunde com o momento.

Meu irmão completou:

Mas lembre-se que há o momento e o motivo. Cuidado para não perder um momento por um motivo, pois você poderá ter várias vezes o mesmo motivo, mas nunca o mesmo momento... E isso independe da quantidade e do limite do pensamento!

Minha irmã conclui:

E ultimamente eu muito penso, pouco falo e tento aproveitar o momento.

Corre, Carolina

Eunice Porto

Corre, corre Carolina
A estrada é longa mas termina
Muitos passos serão dados
E poeira levantada.

Calma, calma Carolina
Vê a paisagem do caminho
Já correste longa estrada
E a poeira foi baixada.

Se gostaram da parola
Uma é Júnia, outra é Carole
Ambas são as Carolina
Que inspiram nossa história.

Tia Carol e Carolzinha

Jorge Porto

Em Monte Dourado, nasceu tia Carol brilhante,
Sagitariana, de dezembro, cheia de encanto e sorridente,
Com espírito aventureiro, coração inquieto e brando,
No mundo, era uma pioneira, sempre explorando.

Santarém viu surgir Carolzinha, em agosto radiante,
Virginiana serena, com um sorriso cativante,
Com alma dócil e coração repleto de doçura,
Encanta o mundo com sua eterna ternura.

Tia Carol e Carolzinha, laços que o tempo não desata,
Em lugares e épocas distintas, a vida as retrata,
Duas personas que se encontraram, compartilham sonhos e risos,
Nessa jornada de amor, construindo elos preciosos.

Tia Carol, com seu espírito desbravador,
Mostra a Carolzinha o mundo, com fervor,
Nas asas da imaginação, juntas voam ao infinito,
Explorando cada canto, num abraço bem bonito.

Carolzinha, com sua curiosidade profunda,
Trilha seu caminho, com alegria que inunda,
Tia Carol, guia e amiga, lado a lado em cada passo,
Nessa jornada de carinho, que nunca se desfça.

Compartilham sonhos, segredos e esperanças,
Tia Carol e Carolzinha, em sua dança de bonanças,
Laços familiares que o tempo só faz crescer,
Duas Caróis unidas, em amor que sempre vai prevalecer.

No mês de dezembro, e também em agosto, raras joias,
As duas Carol, com corações cheios de escolhas,
Celebram o amor que as une, e a vida que compartilham,
Tia Carol e Carolzinha, uma dupla que vira e mexe se desafia.

Monte Dourado e Santarém, berços de sua história,
São parte da tapeçaria desse afeto e memória,
Tia Carol e Carolzinha, um laço que não se desmancha,
Em rimas de carinho, que na família se resguarda.

Sete de Setembro

Jorge Porto

No Sete de Setembro, Brasil, tu lembras teu dia,
A Independência que alçaste, lutando com valentia,
Um feriado de ufanismo, de reflexão e reivindicação,
Civismo que em nossos corações, segue em transformação.

Em cinco de setembro, Amazonas já celebrava,
Sua própria luta, na Amazônia que acreditava,
Independência e liberdade, buscadas com fervor,
Na floresta exuberante, onde se cultiva o valor.

Sete de Setembro, símbolo de nossa nação,
Dia que marcou a história, luta por emancipação,
Brasil, a pátria amada, com cores a pulsar,
No hino, na bandeira, teu povo a transformar.

O verde, o amarelo, o azul que nos rodeiam,
No coração de cada brasileiro, ideais que incendeiam,
A construir um futuro de justiça e igualdade,
Onde o Brasil celebra sua diversidade com liberdade.

Sete de Setembro, com tuas lembranças profundas,
Nos faz refletir sobre o presente, nossas respostas,
No fervor do patriotismo, que jamais se esgote,
Brasil, tua independência, tua história, com justiça e democracia,
resplandeça e se denote.

Setenta e Sete

Jorge Porto

Setenta e sete anos, Eunice a celebrar,
Virginiana em Campinas, seu doce lugar,
Evangélica, Batista, na fé a perseverar,
Mãe de três Jotas, nomes compostos a brilhar.

Contabilista aposentada, números a decifrar,
Dedicada a pets e plantas, a cuidar sem parar,
Sete décadas mais sete anos, história a colecionar,
Eunice, és exemplo, a nos inspirar e a encantar.

Com palavras e abraços nos momentos de dor,
Eunice, luz, honrada, valorosa, um primor
Seus ensinamentos, seu carinho, um dom a reluzir,
Nos guiam na vida, anjo bom, mãe a sorrir.

Neste dia de festa, com alegria e gratidão,
Celebramos sua vida, com todo o coração,
Setenta e sete anos de sabedoria e amor em profusão,
Eunice, és um presente, tesouro, pura emoção.

Que a jornada adiante seja repleta de felicidade,
Paz e saúde sejam sua constante realidade,
Neste aniversário, e em todos que virão,
Nonice, sempre amada, nossa eterna inspiração.

Aquela que alcança muitas vitórias

Jadson Porto

Vem chegando aquele dia
Para a chegada dela, que daria muitas glórias
Seu nome significa:
Aquela que alcança muitas vitórias

Nome de origem grega, Euneike
Chegou para viver muitas histórias
Ela, cujo nome significa:
Aquela que alcança muitas vitórias.

De Santarém a Campinas
Muitas estradas e várias trajetórias
Ela, cujo nome significa:
Aquela que alcança muitas vitórias.

Ler ciências ou ler poesia
Não importa o estímulo da memória
Eunice, seu nome significa:
Aquela que alcança muitas vitórias.

Agradecimento

Jorge Porto

Neste alvorecer que desperta, recordam-me com fervor,
Primogênito, fiel guardião do afeto profundo.
Sempre pronto a proteger, a orientar com amor,
No lidar harmonioso da vida, sustentáculo fecundo.

Atento e solícito, braço estendido com ternura,
Guardião vigilante dos meus, sábio conhecedor.
Ao lado da família, em cada jornada segura,
Sou grato pelo lar, onde o amor é concedido.

Divina luz que resplandece, iluminando os passos,
Explorando caminhos a cada aurora auspiciosa,
Celebro, como filho-irmão, honrado e amado.

Em cânticos de louvor, sou abençoado,
Nas asas do afeto, meu coração é alçado.

Aquela que alcança muitas vitórias

Jadson Porto

Voa, minha solitude
Percorra o horizonte
Em sua plenitude
Descanse em pontes.

As pontes integram
Não isolam
Conectam
Acrescentam.

Pássaros evolam
Mentes, também
Sonhos não acordam
Nos levam mais além.

Voe, então, querido pássaro
O céu é o limite a explorar
O voar é o seu preparo
Mas terá, também, de descansar.

Voe. Plane
Desça, pouse
Descanse

Depois
Continue.

Solitude, Não! Atitude!

Jorge Porto

Na vida, o caminho é longo, parente,
E a solitude, às vezes, é coisa da mente.
Mas lembre-se, não é o fim, é só o começo,
Pois a atitude é o remédio, um doce apreço.

Solitude, não. Atitude é a palavra da vez,
Com alegria e coragem, siga em frente de uma vez,
O sol brilha lá fora, convidando para a dança,
E a vida é uma festa, cheia de esperança.

Deixe a tristeza de lado, ponha o sorriso no rosto,
Desfrute cada momento, não se atenha ao gosto,
Pois se a solitude é uma velha amiga,
O coletivo ensina lições, abraça, abriga.

Penso que atitudes devemos tomar,
Abraçar a vida com força, não deixar passar,
Cada dia é uma chance, uma nova aventura,
Então, dance na chuva, sinta a doçura.

A solidão pode ser bela, uma pausa no correr,
Um tempo para se encontrar, para florescer,
Mas lembre-se, a atitude é o que nos faz avançar,
Na estrada da vida, onde quer que ela vá dar.

Então, parente, abraça a vida com paixão,
Deixe a solitude de lado, siga com gratidão,
Pois a vida é um presente, uma festa sem igual,
Solitude, não. Libere-se. Faça o seu carnaval!

Solitude e Solidão

Eunice Porto

Solitude e solidão ora não me é a questão
Conto as patas, oito são
Nem conto as folhas que se espalham pelo chão
Se olho pro alto, lá também estão
A mente vai pra cima mas os pés preferem o chão.

O Porto se expandiu

Jadson Porto

Venha...
Chegue...
Não se acanhe...
Se aconchegue!

O Porto se expandiu!
Aproxime-se...
Paulatinamente...
Devagarinho...

Abrigue-se!
O Porto se expandiu!

Esta poesia é em homenagem a Vinícius Castro Feldberg, primeiro bisneto da matriarca, neto de Jorge Porto e filho primogênito de Caio Feldberg Porto e Bruna Castro, quando foi noticiada a confirmação de sua chegada.

Ode a Jadson Porto: o sábio geógrafo

Jorge Porto

Jadson, o sábio geógrafo, saber vasto em profusão,
Com trajetória que enche de orgulho e devoção,
Na Universidade Federal do Pará, iniciaste tua jornada,
Na geografia, paixão, caminhada lapidada.

Bacharelado e Licenciatura, bases sólidas, firmadas,
Em 1993, teu início, história sendo desenhada,
Mestrado em Santa Catarina, horizontes ampliados,
Teu conhecimento, cresce, incontáveis voos açados.

Em Campinas, a Ciência Econômica te celebra,
Doutorado, fase em que a mente se acelera,
Tornas-te brilhante, como uma estrela-guia,
Teses e estudos, alegria que irradia.

Pós-doutorados, experiências profundas e revigoradas,
Em Desenvolvimento Regional, fronteiras exploradas,
Geografia e Estudos Sociais, conhecimento vasto e fecundo,
Tornas-te mestre, guia, pensamento profundo.

Na Academia de Letras, teu nome em destaque,
Membro Titular, em versos e prosas, arque,
Curitiba, Paraná, te aplaude com fervor,
Por teu brilho intelectual, por teu labor, és um valor.

Coordenador do NESUR, trabalho prolífico, etéreo,
Núcleo de Estudos, se mostra como sério império,
Na UNIFAP, és Titular, teu lugar merecido e conquistado,
Professor do Mestrado, sabedoria compartilhada e sagrado.

Geografia é tua paixão, Amapá é teu chão querido,
Desenvolvimento regional, tua dedicação, o sentido,
Na Amazônia, teu coração pulsa com ardor,
Fronteiras, metropolização, temas de valor e fulgor.

Jadson, com respeito e gratidão, te saudamos,
56 anos de jornada, és farol que jamais apagamos,
Teu trabalho inspira, tua trajetória é voz e luz
Geógrafo excepcional, teu saber, teu legado a muitos seduz.

Jadson, hoje tua família te saúda,
No teu aniversário, nosso amor se aprofunda,
Com carinho, abraços e muita gratidão,
Celebramos contigo, nossa admiração.

Um poema de aniversário peculiar

Jorge Porto

Todos os anos, meu aniversário chega,
Mas este tem algo que à vista despeça,
Um cometa brilha no céu, sutil lembrança,
Voltará em 470 anos, uma cósmica dança.

O que isso significa, não sei ao certo,
Um mistério cósmico, um segredo coberto,
Mas é peculiar, e nesse dia especial,
Convido a todos para um convite celestial.

"Vem andar comigo", como diz Lô Borges,
Na beira da estrada, sob o sol que emerge,
Em um caminho iluminado, descobrimos a luz,
E a vida nos brinda com seu eterno cruzeiro de luz.

"Vem dançar na chuva", como canta Jeneci,
Enquanto a chuva desce, alegria em mim revivi,
Nas gotas que caem, um refrão de encanto,
Celebramos o presente, com risos e sem pranto.

"A arte de sorrir", Guilherme Arantes nos guia,
Cada vez que o mundo diz não, seguimos nossa via,
Agora é brincar de viver, sem medo ou cansaço,
Quero ver felizes aqueles que compartilham meu abraço.

Neste dia peculiarmente especial, meu desejo,
É que a vida nos brinda com alegria e ensejo,
Que possamos juntos, sob o céu a brilhar,
Curtir cada momento, sorrir, e o amor compartilhar.

Um bom dia

Jorge Porto

Bom dia, mundo, com luz radiante
A aurora revela seu brilho vibrante
Cada novo dia, uma tela em branco
Oportunidades se desdobram a cada instante.

No reluzente amanhecer, a natureza canta
Cada folha, cada flor, sua vida encanta
O orvalho nas pétalas, diamantes cintilantes
Bom dia, Terra, és tão exuberante.

O sol ergue-se com calor e esperança
A jornada começa, a vida avança
Bom dia, com sonhos a serem alcançados
Em cada passo, horizontes revelados.

Que tipo de poesia escrevo, eu não sei.
Noites mal dormidas aguçam minha escrita.
Sinapses neurais por vezes corrompidas.
Aguardam o novo dia digna de um rei.

Bom dia, nas ruas agitadas ou no sossego do lar,
O sol se ergue, iluminando este mundo singular.
Neste instante, somos donos da jornada,
Sem amarras, a vida é uma estrada desbravada.

Na cidade, o tumulto e a correria,
Mas o dia nos convida a uma sinfonia.
As pessoas, como notas em harmonia,
Cada uma com sua melodia, sua poesia.

A rotina, com seus capítulos diversos,
Como um livro em branco, pronto para versos.
Na simplicidade de um café, a pausa merecida,
Ou na alegria das crianças, a vida colorida.

Bom dia, seja lá onde estiver,
Cada amanhecer é uma chance de renascer.
Sem métricas, regras ou rimas a ditar,
A vida é a poesia que escolhemos criar.

Jadson Porto

Luz do Sol, que a folha traga e traduz...
Assim encanta o poeta cantador
A fotossíntese em pleno esplendor.

Era uma folha
Segura em seu galho
Suportava a chuva e o Sol
Saciava-se com o orvalho.

Era uma folha
Protegendo um singelo ninho
Seja na chuva ou no Sol
Abrigava passarinhos.

Era uma folha
Que ao chegar o outono
Mostrou-se resistente
Em proteger o ninho presente.

Era uma folha
Transportada pelo vento
Longe do galho e do ninho
Espalhada pelo caminho.

Foi uma folha
Agora é húmus
É solo
Fortalece outras folhas.

Soneto ao Sono Errante 1

Jorge Porto

Noites anormais, o sono me devora,
Noites normais, o sono errante derrapa.
Na cama, meu corpo busca a aurora,
Noite após noite meu descanso escapa.

Sigo sonhando com o sono profundo,
Que traz consolo, em paz, sem alarde.
Sono errante, tornas-me moribundo
Deixando-me cansado, sem tranquilidade.

Misterioso sono, inconstante amigo,
Por que vagas pelo reino do onírico?
Por quê entregas-me à insônia, neste espaço?

Suplicante lanço-te um questionamento crítico
Haverá descanso, enfim, neste regaço?
Noite após noite, persistirás comigo?

Expansão do Porto

Jadson Porto

Quando o Porto se expande
Expandem-se o mundo
Ampliam-se as articulações
Ocorrem novos encontros.

Barcos transitam
Ora indo, ora voltando
Pessoas circulam
(Des)embarcam.

E o Porto vive.

Esta poesia é em homenagem a Lílian Feldberg Chacon, primeira bisneta da matriarca, neta de Jorge Porto e filha primogênita de Camila Feldberg Porto e Thiago Chacon Brandão, quando foi noticiada a confirmação de sua chegada. A emoção, filmada, quando foi noticiada a benção a Jorge Porto é algo sublime, com a poesia de sua autoria *Anunciação*.

Anunciação

Jorge Porto

No halo do restô, onde janeiro desenha sua luz,
Camila, pérola virginiana, tece sonhos com juventude.
Aromas de moquecas flutuam, envolvendo as novidades,
Thiago, entre olhares, desvenda segredos na quietude.

Jorge, patriarca, entre garfos e pratos em movimento,
Seus olhos, lacrimejados, refletem pensamentos no vento.
Em janeiro, onde as águas se renovam, as notícias florescem,
Um coração pulsa no ventre, como motor de barco que estremece.

No cardápio da existência, um capítulo inexplorado se revela,
Sabor exclusivo, banquete de emoções, ainda que em tela.
Risadas entre bocados, narrando histórias escondidas,
A peixaria, testemunha silente, de afeição que se cria.

Entre paladares e sabores que entrelaçam memórias,
A peixaria se converte em templo de confissões notórias.
Nas águas da espera e da ansiedade, a luz se anuncia,
Camila, Thiago e Jorge, brindam à nova vida que principia.

Na peixaria famosa, sob o céu de Manaus tão vasto,
Um capítulo de amor se inscreve no caderno do passado.
Jorge, timoneiro do clã, acolhe com sentimento profundo,
A gravidez de Camila, notícia que anuncia um destino fecundo.

Soneto ao Sono Errante 2

Jorge Porto

Nas noites atípicas, o sono me devora,
Nas noites corriqueiras, me engana, vai embora.
Meu corpo clama por alívio e descanso,
Um sono profundo, tranquilo, remanso.

Anseio pela calma, terreno ameno,
Sonhos de paz, profundo e sereno.
Morfeu, por que me negas o sono da beleza?
Ícelo, até quando fuga insone e incerteza?

Fântaso, companheiro inconstante,
Noites de insônia, me deixam acabado.
Por que me submetem à cruel vigília?

Fobetor, desejo-me descansado,
Hypnos, haverá no futuro tranquila trilha?
Ou vagarei pelo reino do sonhar, inquietante?

Dorme tranquilo

Eunice Porto

Boa noite dirá um anjo, logo mais ao te deitar
Dorme teu sono tranquilo, pois mereces descansar
Amanhã será um novo dia que o Pai Celeste dará
Deves estar descansado pra labuta enfrentar
E assim seguir dia a dia pronto ao novo caminhar
Até ter a alegria de estrela brilhante virar.

Migrânea

Jorge Porto

Mestre da dor, cruel e implacável,
Por que me atormentas assim?
Levas consigo a migrânea indomável,
Para além de Confins, para lá de Turim.

Saturno ou Plutão, qualquer lugar distante,
Mas afasta-a de mim, por piedade,
Deixa-me livre, sereno e radiante,
Sem o peso da dor, em felicidade.

Mestre da dor, implacável tortura,
A migrânea em meu ser se instala,
Um vendaval de agonia que perdura,
Nas tempestades da cabeça que estala.

Envolto em neblina, meu pensamento se perde,
Pulsando incessante, a dor se intensifica,
É um labirinto de angústia que me remete,
Nas teias da enxaqueca que me sufoca e complica.

A luz é ofensiva, os sons são lâminas,
E até o mais leve toque se torna um tormento,
No latente pulsar nas têmporas equânimes,
Sofro as agruras da migrânea, meu sofrimento.

Mas mesmo no caos, busco esperança,
Remédios e terapias, uma busca incansável,
Na luta contra essa vil migrânea, não me canso,
Persisto na busca por um alívio palpável.

Mestre da dor, imploro por um respiro,
Que a enxaqueca encontre seu abrigo em outro lugar,
Que meus dias sejam livres, sem suspiro,
E que a paz volte sem a dor, sem me atormentar.

Quina da cama

Jorge Porto

Na calada da noite, o encontro traiçoeiro,
Com a quina da cama, um golpe certeiro.
A canela, indefesa, sofre o impacto fatal,
E o palavrão escapa, num grito infernal.

O calombo se forma, uma protuberância,
Na pele da perna, uma desventura, uma ânsia.
Doloroso e inchado, ali ele se instala,
E cada passo é um suplício, uma batalha.

Ah, quina maldita, armadilha vil,
Que transforma o quarto num campo hostil.
Bater a canela, um suplício doído,
Na armadilha da quina, sai todo ferido.

Mesmo, com calombo e dor, a Tamara foto tirou,
Gelo, Hirudoid, andiroba, na hora recomendou
Aprende a ser mais cuidadoso, atento,
Pois bater a canela, é um castigo lento.

Chamada de atenção

Jadson Porto

Mamãe nos ensinou
Não corra dentro de casa
Lá não foi feito para isso
Ela nos orientou.

Para este calombo aparecer
A pancada foi forte
Certeira
Bateu, Tamara, não houve corte.

Carolzinha, tadinha
Correu para ajudar
E com a sua mãozinha
O pai foi afagar.

“Preste mais atenção, papai
Ao que a vovó te disse!
Dentro da casa não foi feito para correr.
Deixe de molequices”.

“És muito grande e, além disso,
Não és mais criança
Eu que sou pequena
Não faço isso”!

Carol Araújo Porto, filha de Jorge Porto, chamando a atenção do pai depois de chutar a “Quina da cama”.

Saudoso

Jadson Porto

E se eu tocasse as suas mãos...
Você me levaria em um passeio?

E se eu tocasse os seus cabelos...
Permitiria penteá-lo?

E se eu me aproximar...
Por favor, não se assuste.

Encostarei meus lábios em sua testa.
Boa noite, minha mãe!
Boa noite, minha irmã!
Boa noite, meu irmão!

Eu estou bem!
Apenas cansado e saudoso.

Doutora do ABC

Jorge Porto

Na infância radiante, risos e encantos dançam,
Desperta uma estrela, entre risos que avançam.
Num piscar suave, seis anos se traçaram,
Crescendo, aprendendo, saberes se soltaram.

Em casa, amor se fez alfabeto desse ser,
ABC, mistério que quis compreender.
Nas páginas dos livros, universo floresceu,
Com cada letrinha, um mundo novo se deu.

Na sala de aula, com lápis e cor vibrante,
Doutora mirim, traçou seu próprio instante.
Entre números e letras, o saber se ergueu,
Seis anos de aprendizado, um ciclo que se deu.

Na festa da graduação, chapéu de tecido na mão,
Família, emocionada, aplaude com emoção.
Doutora do ABC, título infantil sem igual,
Pequena grande vitória, data especial.

A jornada prossegue, com sorriso e dedicação,
Desbravando o saber, buscando a educação.
Que a chama do aprendizado, sempre com alegria,
Ilumine o caminho, nesta doce travessia.

E ao futuro, com esperança, olhos a brilhar,
Que cada conquista seja motivo de celebrar.
Em todos os níveis, nos degraus do saber,
Que a sabedoria guie, com imenso prazer.

Utópico

Jadson Porto

Era uma vez...
Um utópico
Que sonhava todo(s) o(s) dia(s)
E fechava os olhos enquanto sorria

Era uma vez...
Um sonhador
Que em suas utopias
Simplesmente...

Poesia.

Soneto da trajetória

Jorge Porto

Na borda do papel, a pena dança,
Em tinta, o pensamento se liberta,
Caminhos de versos, a alma oferta,
Trajetória rimada, leve lança.

Cada estrofe revela uma esperança,
Palavras entrelaçam-se, obra aberta,
Na cadência das letras, a descoberta
Da poesia, que na alma avança.

Ao virar das estrofes, horizontes claros,
A pena, sutil, traça seus afagos,
Entre prosa e poesia, a inspiração.

Pelos trilhos do soneto, a pena voa,
Ideias deslizam, como a melodia boa,
Na folha em branco, eco da criação.

Sobre o papel, a pena escreve o encanto,
Em tinta, o pensamento se revela,
Caminhos de versos, a alma atenta vela,
Trajetória rimada, eterno canto.

Cada estrofe revela um doce pranto,
Palavras entrelaçam-se como estrela,
Na cadência das letras, a paleta
Da poesia pinta um raro manto.

Ao virar das estrofes, horizontes novos,
A pena, incansável, livre de covos,
Entre prosa e poesia, o coração.

Pelos trilhos do soneto, a pena dança,
Ideias deslizam, sutil esperança,
Na folha em branco, arte em comunhão.

Beija-flor

Jorge Porto

No cálido ninho, recinto apertado,
Estive sob a égide do galho a me manter,
Guardado pela folha, abrigo consagrado,
Onde aprendi o canto, o voo, o florescer.

Mas chega a hora de romper os laços, seguir além,
De deixar para trás a zona do conforto,
Como a folha que dança ao vento, também,
Busco noutro cais, a ousadia, outro porto

Despeço-me do ninho, da ternura que me aprisiona,
E encaro os desafios que a vida derrama,
Como a folha, que ao solo se entrega, me impressiona,

Deixo-me levar pela brisa, pela canção,
Assim parto, livre, em busca de chama,
Beijando flores, na nova missão.

A saga que escreveria

Jadson Porto

Sou admirador das artes, dentre elas a poesia
Que me permite expressar pensamentos daquele dia
Em um fluxo de letras, palavras e ideias que haveria
Pensados e expressados naquele poetizar.

.....

Vejo aquela história, que um dia, talvez, escreveria
Sobre um pequeno ser que a mim apareceria
Que me mirava e sempre sorria
Com seus olhos azuis como a cor do mar

Brinca comigo, como num parque que ali existia
Viaja, também, numa aventura de espeleologia
Aulas de mateguês e explorações de arqueologia
Deita comigo para, também, sonhar.

Cresce, minha menina, para formar-se naquele dia
Cresce, minha criança, para aumentar minha alegria
Sempre será minha pequena Bia
Levo-a comigo por onde eu passar.

Sigo andando e querendo ela saber onde eu estaria
Percebo que sem ela, minha vida vazia, então, seria
Levo comigo, em todo lugar, sua presente companhia
E aqueles olhos, agora esverdeados, a me olhar.

.....

Num belo dia de verão, veio aquele que seria
O abençoado com contagiante alegria
Curioso, empolgado, criativo com muita harmonia
Com olhos caramelados em seu constante observar.

Carrega, consigo, uma intensa energia

É capaz de se envolver com extrema sinergia
Tomba, levanta, recupera, crescimento que ocorreria
Lá vai ele, pronto para avançar.

Sempre em suas artes, em traços límpidos apresentaria
Na folha branca, singeleza criativa apareceria
Em dedilhar de cordas, a música logo apareceria
Agora, expande sua arte para maneiras de interpretar.

.....

E num tempo que não mais me expressaria
Um silêncio, um lamento, haverá naquele dia
Ao escrever na areia a palavra que desapareceria
A pena, então, irá descansar.

Jorge Porto

Nas memórias da família, um rastro de saudade,
São os gatos queridos, que foram para a eternidade,
Tantos felinos amados, seus nomes ao vento,
No coração presente, na memória atento.

Leo, o destemido, com olhar vesgo profundo,
Paloma, doce e serena, em seu caminhar fecundo,
Kysa, resabiada e ágil, sentava com primor,
Frajola, o peludão, sagacidade e torpor.

Chico, destemido, amigão como um canino,
Messi, algumas qualidades do típico felino,
Katita, meiga e delicada, doce encanto presente,
Teté, dentre as crias do seu grupo a de carinho envolvente.

Kobi, o intrépido explorador, cheio de curiosidade,
Méia, a protetora, corajosa e leal, com serenidade,
Chum, o encantador de olhar cativante e desmedido,
Fofura, a meiga e delicada, doçura em todo sentido.

Tantos gatos amados, agora ausentes,
Mas nas lembranças, sempre presentes,
No arco-íris da saudade, eles brilham em cores,
Nas memórias da família, em amor e resplendores.

Cada um deixou marcas por onde passaram,
No acúmulo de cada existência, a vida aproveitaram,
Tantos ronronares, miados, e saltos nas alturas,
Se emboletando nas pernas, pediam gostosuras.

Eles foram a música suave de nossos corações,
Gatos queridos, seres de eternas conexões.
Ainda que na Terra suas ausências sejam sentidas
No céu_felino_além, são presenças garantidas

Esses seres felinos eternamente sejam lembrados,
Pois no universo do afeto, por nós seguem imortalizados,
Em cada estrofe, em cada verso, em cada situação recordada,
Permanecerão sempre presentes, toda essa gataiada

Nas memórias da família, cada gato tem sua coroa
Em cada falta sentida, algum miado ecoa,
Gatos amados, aquinhoados com tanto carinho,
No panteão felino certamente fizeram ninho.

Na teia do tempo, seus traços ecoam,
E o gatil das lembranças, na memória ressoam,
Eternamente, esses seres especiais são lembrados,
Em versos, suas histórias, para sempre eternizados.

Tempo descompassado

Jorge Porto

O vento sussurra segredos antigos,
De um tempo em que a chuva e o sol eram amigos.
A formiga, mensageira fiel da anunciação climática
Agora caminha sem rumo, sob o céu.

O sábio, com olhos atentos,
Registra o caos dos elementos.
As estrelas se calam, o rio se confunde,
Na dança desritmada das horas do mundo.
Mãos que plantam, olhos que preveem,
Agora colhem incertezas, o medo que tece.

A planta chora, a terra implora,
Por um tempo que volte, que seja previsível.
Mas há esperança no peito que luta,
Na voz que ecoa, na canoa em chamas.
Pois cada história contada, cada lição aprendida,
É um passo à frente, nos tempos do não retorno.

Falta um

Jadson Porto

Falta um...
E não é o principal
Mas, fundamental.

Falta um...
E naquele espaço vazio
Ninguém ousava ocupar.

Falta um...
Há noventa e nove
O perdido, vou buscar.

Cada um é importante
Independente do total
Sem o um, não se completa
Com o um, cabal.

Soneto à mãe

Jorge Porto

No Dia das Mães, o carinho no ar paira,
Como pétalas de rosa em suave esplendor.
Em abraços ternos, beijos que se entrelaçam,
Lágrimas de alegria, gestos de amor.

Nossa mãe, esteio forte, que nos abraça,
Sustentáculo da família em seu papel.
Corrente de ternura, fonte de graça,
Do amor divino, expressão singular e fiel.

Generosa, guerreira, serena e acolhedora,
O amor materno brilha com esplendor.
Em cada gesto, em cada hora,

Ecoa a voz divina, num cântico de amor,
Dia de saudade, mas agora é de alegria,
No ventre materno, nossa vida se iniciou.

Caminhos

Jadson Porto

Hoje eu caminhei ao meu destino
Andei, andei e ali cheguei
Não fui muito longe
Mas de minha origem, me afastei.

Hoje eu caminhei
Em direção ao horizonte
Não fui muito longe
Mas no monte escalei.

Hoje eu caminhei
Mas não saí de lá
Simplesmente caminhei
Para poder caminhar.

Jorge Porto

Um difícil respirar
Assim ela percebeu seu filho
Num curto inspirar
Assim ela abraçou sua cria

Num rápido deslocar
Correu para o atendimento
Foram observados
Ela nervosa, ele abraçado.

Rapidamente medicado
Voltou a respirar
Mas exige atenção.
Na enfermaria agitada
Ficou em observação.

Foram ao quarto
Estão mais calmos
Ele abraçado a ela
Dorme sossegado
Ela abraçada a ele
Zela pelo filho amado.

A criança dorme
Que bom
Eu não!
Zelarei pelo seu sono.

A criança tosse.
Levanto assustada
Calma, criança, respire...
Doutor!!!!

A criança dorme
Observo-a atenta

Inspira, expira
Abraço-a.

A criança dorme
Percebo no seu respirar
Sua recuperação
Em breve irá acordar.

Pisco lentamente
Um breve desligar
Enquanto a criança dorme
Continuo atenta no cuidar.

Sigo

Jadson Porto

Sigo em direção às nuvens
Nelas sentirei o frescor
Da pura e doce água
Percorrendo minha face.

Sigo em direção a um destino qualquer
Descobrir algo irei
E se não descobrir
Pelo menos aprenderei.

Tempo descompassado

Jorge Porto

O vento sussurra segredos antigos,
De um tempo em que a chuva e o sol eram amigos.
A formiga, mensageira fiel da anunciação climática
Agora caminha sem rumo, sob o céu.

O sábio, com olhos atentos,
Registra o caos dos elementos.
As estrelas se calam, o rio se confunde,
Na dança desritmada das horas do mundo.

Mãos que plantam, olhos que preveem,
Agora colhem incertezas, o medo que tece.
A planta chora, a terra implora,
Por um tempo que volte, que seja previsível.

Mas há esperança no peito que luta,
Na voz que ecoa, na canoa em chamas.
Pois cada história contada, cada lição aprendida,
É um passo à frente, nos tempos do não retorno.

Vento

Jadson Porto

Hoje senti o vento em meu rosto
Em três momentos:

O primeiro, em minha caminhada
A brisa me trouxe
Uma rosa perfumada.

O segundo, na beira do rio
O respiro amazônico em seu inspirar
Expira o seu encantar.

O terceiro, o vento que me impele
Locomove-me no rio, em arco
Sou a vela que empurra o barco.

Vento que balança o açazeiro
Que impulsa o meu navegar
Vento que incita a força do banzeiro
Vento mensageiro de meu imaginar.

Café em Itú

Eunice Porto

Itú está aqui bem perto,
Bem fácil de lá chegar
Mas essa colherinha
Vou mesmo dispensar
Prefiro o café pretinho
Sem açúcar adicionar.

Enchente gaúcha

Jorge Porto

Dizia a canção:
"Vou te deixar mensagens
Por baixo da sua porta".

Ao som da Alexa que toca
Perto dos meus livros,
Penso nesses tempos difíceis.

Te confirmo, quando me sinto só,
Pego tua foto e te beijo
Sempre que desejo.

Há algo no ruído chuvoso
Das noites longas e frias
Que nos conecta em pensamento,
Mesmo distantes.

Palavras sussurradas entre sombras
Carregam o peso dos dias passados,
E nas entrelinhas de cada nota
Há um pedaço do meu coração.

Não é apenas a ausência que fala,
Mas a presença em cada detalhe,
Na lembrança do toque,
No eco de risos compartilhados.

Encontro teu amor nas pequenas coisas:
No barulho da chuva contra a janela,
No brilho tímido das estrelas,
No aroma do chá pela manhã.

Assim, seguimos entrelaçados,
Mesmo que o tempo e o espaço nos separem,
Nossos corações continuam a bater juntos

Em um compasso silencioso e eterno.

Em homenagem aos diversos casais separados terrenamente na enchente

Pássaro de uma asa

Jadson Porto

Era um pássaro de uma asa só
Que voava com muita habilidade
Mas se cansava rápido.

Voou até o horizonte
E voltou
Não quis ir muito longe
Então, pousou.

Fez voos curtos
E avançou
Quis ir mais longe
Mas cansou.

Muito rápido voava
Para logo alcançar.
Então, logo chegava
Poucos a acompanhar.

Era um pássaro de uma asa só
E aprendeu a voar
Como também, a estar só
Mesmo estando em voos com bandos quissó.

Beira do Rio

Jadson Porto
Jorge Porto

Leve-me à beira do rio
Lá verei o lindo alvorecer brilhar
Os meus pés sentirão a corrente
Em cada memória a se despedir pelo ar
Sinto o sol tocar a minha pele

Leve-me à beira do rio
Lá tem um perfume que a brisa me traz
Deixe-me perder no horizonte
Onde o sol me aquece trazendo-me a paz
Braços soltos naquela corrente

Leve-me à beira do rio
Lá farei rimas que tanto me apraz
A paisagem, as nuvens e o barco
Que ao paraíso nos leva, pode acreditar
Sinto o amor pulsando latente

Rio que me guia, rio de encantos
Onde a natureza floresce em cada canto
Leve-me à beira do rio, meu amor
Onde a vida pulsa, com tanta emoção.

Silêncio

Eunice Porto

Silêncio, silêncio!
Quero ouvir tua voz, Senhor!
No silêncio.
Quando a voz cala
E o sino não badala
Sinto a brisa mansa
De mansinho ouço a voz
No silêncio.

Nossa canção

Jorge Porto

Fiz uma canção pra ti
Me bastou concentração
Um jingle se faz assim
Basta imaginação
Tempo
Tempo
Tempo
Tons

Eu bem quis continuar
Mas não toco violão
Como eu só sei cantar
É de todo coração
Que eu
Canto
Canto
Canto
Sons

Cada nota que eu criei
Te entrego na minha voz
Cada som que imaginei
Foi pensando só em nós
Ventos
Ventos
Ventos
Bons

Mas o que ficou aqui?
Foi um rascunho feito à mão?
Nem penso em partir
Vou gravar nossa canção
Gravo
Gravo
Gravo
Sons

Sorriso

Jadson Porto

Sorriso
Só rio
Sou rio
Mas não
Só
Apenas...
Rio.

Alecrim ou Alfazema

Jorge Porto

Sinta este perfume,
Deixa o vento conduzir,
Para onde quer que flua,
No ar vai se expandir.

Cada gota de almíscar,
Um segredo a revelar,
Na pele ou no colo,
Vai fixar e encantar.

Sinta o meu perfume,
Como um abraço no ar,
Deixe o olfato alerta,
E o coração acalmar.

Alecrim ou alfazema,
Um sonho a despertar,
A memória vibrante,
Nunca vai se apagar.

O expressar da Pena

Jadson Porto

Poesia selecionada como melhor poema no Prêmio Alba de Literatura 2024.

Sou admirador das artes, dentre elas a poesia
Que me permite expressar pensamentos daquele dia
Em um fluxo de letras, palavras e ideias que haveria
Pensados e expressados naquele poetizar.

Na pintura vejo cores
Onde os desenhos se formam
Abstratos, concretos, sensores
Onde o pincel e a pena conformam.

Na poesia vejo desenhos
Formadas por palavras e letras
Das palavras imaginam-se senhos
Das letras, desenhos geradores de (pa)lavras penetras.

Na música vejo harmonias
Na partitura, desenhos orquestrados
Nos instrumentos, lares sonoros equipados
No som, vibrações, eufonias.

E se eu soltar a pena
E deixá-la deslizar sobre o papel
Por favor, entenda...
É uma maneira de me expressar.

Deslize, dance, movimente-se
Minha querida pena
As ideias fluem, as palavras brotam
E a imaginação se liberta.

E se eu prender a pena

E deixá-la guardada na gaveta
Por favor, entenda...
É uma maneira de me guardar.

E se eu depositar a pena
Sobre a minha mesa
Por favor, entenda...
É um modo de meu pensar.

Deixe seu rastro na folha, aventureira pena
Seguirei seus passos
Outros, também te acompanharão
E verão sua trajetória.

E quando eu soltar a minha pena
Por favor, não a prenda
Letra por letra, ela desenha
Até aparecer uma palavra, sua senda.

Com letras soltas vou ousando
Em busca de palavras, sigo procurando
Minhas letras são pegadas
Minhas palavras, rotas atravessadas.

Ao aparecer uma palavra por favor, entenda
Que palavra por palavra
Vou avançando
Até alcançar quem a compreenda.

E se eu soltar a minha pena
E mostrar meu estilo de registrar
Com letras e palavras tão pequenas
É apenas o meu jeito de me expressar.

Vou escrevendo por aí...
E vejo... Que no caminho da pena em meus pensamentos...
Letras, sílabas, palavras em frases, estrofes e parágrafos
São expressões do sentir.

E num tempo que não mais me expressaria

Um silêncio, um lamento, haverá naquele dia
Ao escrever na areia a palavra que desaparecia
A pena, então, irá descansar.

Poetas não se calam
Suas mãos e mente gritam
Esperneiam, urram, berram.
Mesmo calados, poetas em silêncio poetizam.

Ao som da pena sobre o papel
O silêncio do poeta se rompeu
Atravessou linhas e pensamentos ao léu
No silêncio do poeta, a poesia nasceu.

Espera

Eunice Porto

A espera com esperança de logo ver chegar
Ganhar um forte abraço e os presentes ganhar.
O papai sabe que a filhinha vai gostar

Vários voos
Muitas paisagens
Rotas alhures

Jadson Porto – Haikai.

Mãe, irmãos, distância,
Internet nos conecta,
Amor virtual.

Jorge Porto.

Naquele mundo
Fantasias afloram
Imagens, também.

Jadson Porto - Haikai

Sobre o rio
Atravessei a ponte
Sem molhar os pés.

Jadson Porto – Haikai

